

## **A(s) Identidade(s) na Animação Turística**

Cultura(s), Identidade(s) e Sustentabilidade Turística

Ricardo Vieira

Antropólogo e Sociólogo

CIID-IPLeia – [www.ciid.ipleiria.pt](http://www.ciid.ipleiria.pt)

rvieira@esecs.ipleiria.pt

### **1- O problema**

A ideia de que não há turismo sem cultura não é nova. Monumentos, conventos, património material e imaterial, artefactos e mentefactos vários, associados à ideia da diferença e do exotismo, são há muito procurados para consumo cultural. O Turismo é, assim, uma actividade cultural antes de ser a indústria tão propalada hoje.

Mas, pensar que a identidade está para além da cultura e que pode promover e ser a alavanca dum turismo sustentável, é, porventura, mais recente.

Efectivamente, a identidade corresponde a um sentimento de pertença a uma dada cultura, a um dado grupo social, a uma dada classe, e pode gerar novas formas de valorização do património e de envolvimento colectivo em actividades de afirmação, de valorização, de apresentação para o outro, o turista, que busca a fuga ao quotidiano e o experienciar de novas situações e contextos sócio-culturais.

### **2- A diferença cultural como potencial turístico**

Hoje, a modernidade e a Tradição e, paralelamente, a coexistência de relações entre as manifestações locais e globais da(s) cultura(s), são refrões ou bordões particulares na nova visão duma antropologia. E, mais ainda, numa antropologia que, inevitavelmente, pensa o património, o turismo e a animação. Vivemos num mundo simultaneamente global e local onde as pessoas para contrariarem as forças de homogeneização cultural tendem, estrategicamente, a resistir em relação a alguma mudanças, como forma de afirmação identitária e, mesmo, a (re)inventar determinados modos de viver, tradições, etc. (Hobsbawm, 1983) como forma de sobrevivência cultural e até de venda turística.

Vale a pena iniciar esta problemática com uma citação de Warnier a propósito do que designa de moderno caleidoscópio:

*“Dançamos o tango argentino em Paris, o bikutsi camaronês em Dakar, a salsa cubana em Los Angeles. O McDonalds serve os seus hambúrgueres em Pequim, e Cantão apresenta a sua cozinha no Soho. A arte Zen do tiro ao arco entusiasma a alma germânica. A*

*baguette parisiense conquistou a África Ocidental. Em Bombaim podemos ver o Papa através da mundovisão. Os filipinos choram a princesa de Gales, enquanto vêem, em directo, as suas exéquias. A expressão «mundialização da cultura» designa esta circulação de produtos à escala global. E ela suscita as reacções mais contrastadas. Uns descodificam as promessas de um planeta democrático unificado por uma cultura universal – um planeta reduzido pelos media às dimensões de uma «aldeia global», como disse Marshall McLuhan. Outros vêem a causa de uma inelutável perda de identidade que eles deploram. Outros, ainda, militam para fazer afirmar os seus particularismos até ao ponto de fazer uso da violência.” (Warnier, 2000: 7).*

Contra a homogeneização e a globalização hegemónica, a emergência da valorização do único e da Glocalização, como prefere Robertson (2002), parece ser o caminho de algumas culturas, de alguns grupos sociais, de alguns projectos de desenvolvimento e, mesmo, da própria indústria turística. Quando a igualização nos descaracteriza, tendemos a ser diferentes, disse, similarmente, Boaventura Sousa Santos (1995).

Por isso Jean- Pierre Warnier diz que falar de mundialização da cultura é um abuso de linguagem:

*“esta expressão, que além do mais é bem cómoda, devia ser banida de todo o discurso rigoroso. Este objecto dissolve-se na análise. Quando muito pode-se falar da globalização de certos mercados dito “culturais” (cinema, audiovisual, disco, imprensa, particularmente as revistas). Confundir as indústrias da cultura e a cultura é tomar a parte pelo todo. É privilegiar as aparências mediáticas dos países industrializados em detrimento daquilo que não é suficientemente espectacular para imergir nas zona de captação dos media e que constitui a substância das culturas do mundo. É colocar mentalmente fora do jogo as nove décimas da humanidade, cuja vida, da nascença à morte, tem outras referências que gravitam em volta do ecrã catódico. Aqueles que estão fechados no mundo das indústrias culturais não se apercebem nada do que é normal. Eles fazem prova de um etnocentrismo análogo ao de toda uma sociedade mais ou menos fechada e fortemente estruturada. Os dois debates (o da erosão das culturas singulares e o da americanização) não são mais do que um. A humanidade, hoje como antes, é uma máquina de fabricar diferenças, clivagens, distâncias, distinção de clãs, de linguagens, de domicílios, de classes, de países, de fracções políticas, de regiões, de ideologias, de religiões.” (Warnier, 2000: 105).*

Ninguém consegue ser absolutamente igual ao outro. E essa manifestação, afirmação, dinamização da diferença pode, efectivamente, potenciar o turismo cultural, como veremos em caso práticos à frente.

Mas não basta falar, geral e abundantemente, de cultura e culturas para servir o turismo, para se poder ter um turismo sustentável.

Nem no domínio antropológico, como sabemos, há hoje uma definição unânime do que é cultura.

A cultura tem sido tantas vezes considerada uma “totalidade objectiva a ser representada por um vocabulário supostamente «neutro», «transparente» [versão positivista da representação etnográfica de cultura, em busca de objectividade] ou mesmo uma totalidade subjectiva a ser expressa com «autenticidade» seja pelos nativos, seja pelo etnógrafo [concepção romântica em busca de autenticidade]. Em qualquer destas concepções a cultura vai aparecer como uma totalidade dada e definida por uma coerência intrínseca situada no tempo e no espaço, ora como portadora de significados unívocos a serem resgatados por uma «interpretação»; ora como portadora de atributos a serem «representados» com neutralidade.

Por outro lado, há hoje uma tendência para relacionar identidade e cultura, sendo as crises culturais muitas vezes denunciadas como crises de identidade. No entanto, não podemos confundir cultura com identidade já que a cultura não implica a existência de uma consciência identitária, revelando em grande parte processos inconscientes. A identidade, ao remeter para um sentido de pertença assente em oposições simbólicas, é obrigatoriamente consciente.

Por outro lado, ainda, numa perspectiva de pôr aqui em causa também essa ideia romântica da totalidade cultural, convém deixar claro que a ideia de Nação e Cultura unas [perturbadas pelos vírus culturais dos outros] deve ser posta em causa. Em qualquer sociedade, existem diferenças culturais profundas, consoante os níveis de educação, as origens de classe, as regiões, o género, etc. A cultura, vista assim, não é mais do que os sentidos partilhados por pessoas com interesses e vivências comuns. A ideia de Nação e Cultura unas é de tal maneira vaga, abrangente e irreal, que acaba por servir de máscara para a diversidade e desigualdade interna de uma sociedade.

Poderíamos, agora, esperar que se falasse dum caso prático de Leiria, que é o *topos* donde venho para aqui falar e onde, efectivamente, se tem feito muita pesquisa sobre esta matéria (Magalhães, 2005, 2008; Santos, 2008, 2006; Vieira, 2005) quer sobre as diversidades da região de Leiria, quer sobre o turismo religioso de Fátima<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Cf. Os trabalhos de investigação do CIID-IPLeia ( [www.ciid.ipleiria.pt](http://www.ciid.ipleiria.pt) )

Contudo, opto por ensaiar falar dum caso que conheci primeiramente a partir de uma entrevista na rádio e que procurei investigar, de seguida, e sobre o qual há já hoje algumas comunicações produzidas (Santos e Tinoco, 2000; Tinoco, 1998, 1999, entre outros) e projectos de animação como é o caso do "Projecto de Musealização da Mina do Lousal", que envolve a APAI: Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial (<http://apai.cp.pt/projectos.htm>).

### **3- Da crise económica à afirmação identitária e à comercialização de modos únicos de vida**

As minas de pirite de cobre, em Lousal, Grândola, ficam situadas entre Canal Caveira e Ermidas do Sado e funcionaram como fonte de riqueza local e nacional entre 1900 e 1988.

Com o fim da exploração das minas, o grosso da população manteve-se por ali, embora sem condições económicas para viver condignamente e com projecto futuro.

A exclusão social e a pobreza, bem como a toxicodependência dos mais novos, foram emergindo. Mais tarde, surge uma tomada de consciência da potencialidade do contexto mineiro se fosse reconfigurado e adaptado ao turismo, como forma de apresentar o único e uma via de ruptura com o quotidiano urbano e globalizado.

Hoje, um dos ex mineiros, filho e neto de mineiro, é o principal guia que leva as pessoas a visitar o contexto de trabalho dessas minas.

Foi criada a Fundação Frederic Velge, que envolve a empresa proprietária da mina e a Câmara de Grândola e que tem um projecto de dinamização com uma vertente cultural, uma vertente científica e outra pedagógica. É missão do Museu Mineiro

“ preservar a memória e o conhecimento das gerações de trabalhadores que escavaram as minas do Lousal, hoje transformadas numa espécie de “local arqueológico”, onde se pode observar e aprender o funcionamento da mina através dos vestígios do trabalho que lá foi feito ao longo das décadas. Este espaço, que funciona nas próprias antigas instalações da mina (encerrada há já 13 anos), é o primeiro do seu género em Portugal, tendo sido inaugurado a 20 de Maio de 2001. Entre outras características, destacam-se as estruturas de trabalho recuperadas especialmente para serem visitadas pelo público: instalações, escavações e galerias da mina (de momento, não visitáveis), e mesmo os motores da central eléctrica que abastecia não só a mina como também a população local”.

(<http://www.lifecooler.com/Portugal/patrimonio/MuseuMineirodoLousal>)

A SAPEC, começou a trabalhar com superfosfatos, em Setúbal, em 1928. Em conjunto com a CUF, este grupo económico veio a adquirir as minas do Lousal. A década de 60 trouxe a mecanização às minas mas, também, consequentemente, o desemprego que veio a ser absorvido pelo trabalho nas estradas nacionais. Após 1962, incrementam-se na região *“algumas acções de carácter social, como a construção de habitações para o pessoal das minas, casa de saúde, farmácia, posto médico, instalações comerciais e salão de festas”*.

(<http://www.cm-grandola.pt/PT/Concelho/Patrimonio/PatrimonioArqueologico/Paginas/MuseuMineirodoLousal.aspx>).

A população do Lousal, que era de 167 habitantes em 1911, atingiu 1960 habitantes em 1960. A partir daí, devido à mecanização do trabalho nas minas, a população foi diminuindo. Em 1991, quando fecharam as minas, o Lousal tinha então 679 habitantes.

Após quase um século de exploração mineira, a paisagem do Lousal ficou deserta, degradada ambientalmente, e *“socialmente e economicamente deficitária, marcada por restos da exploração e em que são visíveis os estigmas que sempre são inevitáveis com o abandono de projectos que sustentaram durante muito tempo e em exclusivo o desenvolvimento local”*.

(<http://www.cm-grandola.pt/PT/Concelho/Patrimonio/PatrimonioArqueologico/Paginas/MuseuMineirodoLousal.aspx>)

Mas, em menos de 10 anos, o Lousal dava origem a um projecto inovador no contexto nacional e paradigma da ligação tradição-modernidade e da transformação da pobreza económica em riqueza cultural, patrimonial e turística: A promoção e a gestão do "Programa de Desenvolvimento integrado e de Redinamização do Lousal" que com a Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial (APAI) se encarregam de desenvolver o "Projecto de Musealização da Mina do Lousal.

Trata-se de uma projecto de desenvolvimento integrado e sustentável que abarca a

a criação de infraestruturas turísticas (hotelaria, espaços de lazer, campismo, turismo rural, restaurantes) de formação profissional e criação de micro-empresas e de equipamentos culturais que em conexão com os restantes programas, assegurem a sua quota-parte

da viabilidade do projecto. Por essa razão, a concepção e a implantação do programa museológico implicam um diálogo constante com os promotores e a população, de modo a garantir a qualidade do projecto e a salvaguarda dos interesses de todas as partes. Também por essa razão o programa tem de ser faseado, ao longo de alguns anos, ainda que fosse mais aliciante a sua abertura ao público em simultâneo e com a apresentação da totalidade do Museu Mineiro.

(<http://www.cm-grandola.pt/PT/Concelho/Patrimonio/PatrimonioArqueologico/Paginas/MuseuMineirodoLousal.aspx>)

Portugal tem assistido ao desaparecimento sucessivo de actividades tradicionais, sem grandes preocupações de preservação e divulgação de profissões e artes tradicionais e, de igual modo, ao encerramento das suas minas sem potenciar o valor científico, patrimonial e pedagógico da vida e actividade mineira. São esses os ingredientes, os aspectos patrimoniais aglutinadores duma identidade mineira que localmente se quer afirmar e vitalizar. O projecto do Lousal inclui a dinamização cultural com toda a preservação e reabilitação do património mineiro; científica, com a divulgação desse património, nomeadamente através de um Centro de Documentação/Arquivo em anexo ao Museu, publicações, etc. ; e pedagógica através da possibilidade de oferecer à sociedade portuguesa e não só, estudantes e não só, o experienciar do universo das minas e da vida dos mineiros.

Este projecto pretende contribuir para o *“desenvolvimento social e cultural dos habitantes e dos visitantes, para o enriquecimento económico do local, corrigindo assimetrias, para um aumento progressivo do bem estar pessoal e social e da qualidade de vida, isto é, para o desenvolvimento integral e não apenas para o crescimento económico”*.

(<http://www.cm-grandola.pt/PT/Concelho/Patrimonio/PatrimonioArqueologico/Paginas/MuseuMineirodoLousal.aspx>)

Para além dos aspectos específicos da musealização das minas do Lousal, os turistas têm também a oportunidade de fazer aqui turismo rural, inserindo-se e participando em actividades agrícolas, no tirar a casca dos sobreiros, etc. Os turistas têm assim a oportunidade de vivenciar contextos que apenas alguns conhecem, que a literatura apenas brevemente apresenta, e de estar próximo de grupos sociais e de comunidades com um forte sentimento de pertença, que desenvolveram ao longo dos tempos, regras de convivência e sobrevivência absolutamente extraordinárias, que podem ser o novo

minério do desenvolvimento local: a preservação e animação dum património assumido localmente como sendo o cimento aglutinador do “nós” colectivo.

#### **4- Diversidade(s), Identidade(s) e potencialidades turísticas – algumas reflexões finais.**

Claro que há hoje técnicos e empresários capazes, quer económica quer tecnologicamente, de vender a diferença cultural como um bem de consumo turístico. Contudo, uma coisa são os lucros de tal missão e as consequências ambientais e de desenvolvimento exógeno face aos locais culturais; outra coisa é fazer das populações locais, rurais, mineiras, indígenas ou outras, o motor da sua própria transformação e reconfiguração identitárias. As pessoas podem envolver-se nesses novos projectos de vida pessoal e comunitária, assumir e afirmar uma pertença cultural e, assim, potenciar a(s) sua(s) identidade(s) culturais que passam a ser procuradas como um antídoto ao homem programado, à homogeneização da globalização hegemónica.

Desta forma, pode pensar-se em desenvolvimento que mais não é que o (des)envolvimento, quer dizer, a diminuição do envolvimento, o aumento da autonomia, da auto-estima, da vontade de viver e de vencer numa sociedade tão concorrencial como é aquela em que vivemos hoje em dia.

As populações que assumem uma pertença comum, que têm um património para valorizar e mostrar, potenciam assim as suas identidades que mais não são que diversidades culturais para o outro que as procura e que, assim, se reconstrói também na medida em que vive outras realidades, aprende, descontrai, etc. Enfim, um turista que também ele se transforma num outro ao aprender com a diferença.

#### **Referência Bibliográficas**

- BARTH, F. (2004). “Temáticas permanentes e emergentes na análise da etnicidade”, in VERMEULEN, H. e GOVERS, C. (2004). *Antropologia da Etnicidade: para além de “Ethnic Groups and Boundaries*, Lisboa: Fim de Século, pp. 19-44.
- HOBSBAWM, Eric (1983). *The Invention of Tradition*, Cambridge: Cambridge University Press.
- MAGALHÃES, Fernando (2005). *Museus, Património e Identidade*, Porto: Profedições.
- MAGALHÃES, Fernando (2008) “A paisagem monumental, cultura e desenvolvimento da região de Leiria”. In Actas do 4º Congresso “Região de Leiria: Inovação e Oportunidades”, Leiria: ADLEI.

- ROBERTSON, Roland (2002). *Globalização: Teoria Social e Cultura Global*, Petrópolis: Vozes.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Entrevista com Prof. Boaventura de Sousa Santos*. (online). Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/jurandir/jurandir-boaven1.htm>, 1995.
- SANTOS, M. Graça Poças (2006). *Espiritualidade, Turismo e Território: estudo geográfico de Fátima.*, Lisboa: Principia.
- SANTOS, M. Graça Poças (2008) – *Perfil do visitante de Fátima: contributo para uma acção promocional em comum da rede COESIMA*. Porto: Edições Afrontamento.
- SANTOS, M. L.; TINOCO, A. (2000). Transforming the Lousal Mines into a Museum. In: Mining Landscapes (10th. International Conference 1997). Atenas: TICCIH, p. 327- 330.
- TINOCO, A. (1999). Mina do Lousal. Degradação Social e Ambiental. O museu Mineiro como instrumento de Desenvolvimento. In: 1er Simposio sobre Geologia, medio Ambiente y Sociedad. Camarasa. Barcelona: SEPGYM, p.102-109.
- TINOCO, A. (coord.) (1998). Museu Mineiro do Lousal - Programa Museológico. Lisboa: APAI.
- VIEIRA, Ricardo (2005) (Org.). *Pensar a Região de Leiria - Identidade(s) e Diversidade(s): as linhas com que se cosem as pertenças*, Porto: Afrontamento.
- VIEIRA, Ricardo (2006). *Educação e Diversidade Cultural: propostas para uma antropologia da educação*, Relatório de Provas de Agregação em Antropologia da Educação, Lisboa: ISCTE.
- WARNIER, Jean-Pierre (2000). “Arte Zen Contra Titanic” in WARNIER, Jean-Pierre (2000). *A Mundialização da Cultura*, Lisboa: Ed. Notícias, pp (9-21).

## Webgrafia

<http://www.lifecooler.com/Portugal/patrimonio/MuseuMineirodeLousal>

<http://www.cm-grandola.pt/PT/Concelho/Patrimonio/PatrimonioArqueologico/Paginas/MuseuMineirodeLousal.aspx>

<http://www.lifecooler.com/Portugal/patrimonio/MuseuMineirodeLousal>

<http://apai.cp.pt/projectos.htm>

<http://www.dhi.uem.br/jurandir/jurandir-boaven1.htm>